Universidade do Minho
Escola de Psicologia

Marília Inês Lopes Martins

Ciber violência e atitudes sexistas nas relações íntimas em jovens universitários

junho de 2024

Ciber violência e atitudes sexistas nas relações íntimas em jovens universitários

Marília Martins

Uminho | 2024

Universidade do Minho
Escola de Psicologia

Marília Inês Lopes Martins

Ciber violência e atitudes sexistas nas relações íntimas em jovens universitários

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Psicologia da Justiça

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Sónia Caridade

junho de 2024

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações

CC BY-NC-ND

https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/

Agradecimentos

Esta dissertação marca a conclusão de mais uma etapa repleta de desafios e conquistas pelo que não podia deixar de agradecer às pessoas que contribuíram neste meu percurso académico.

Gostaria de agradecer, primeiramente, à Professora Sónia Caridade por toda a disponibilidade, compreensão, próximo acompanhamento e conhecimento transmitido ao longo do percurso.

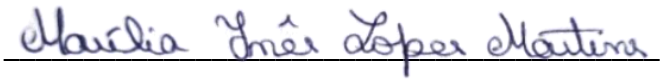
Ao meu pai, que é minha maior fonte de inspiração e suporte para fazer sempre o melhor e conseguir alcançar os meus sonhos e ao meu irmão pelo apoio e ajuda nos momentos mais difíceis ao longo desta caminhada.

Agradeço também aos meus amigos por me acompanharem nas horas mais difíceis, pela partilha de experiências e pelo apoio constante.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.



(Marília Inês Lopes Martins)

Ciber violência e atitudes sexistas nas relações íntimas em jovens universitários

Resumo

A violência nas relações de intimidade (VRI) apresenta-se como uma problemática assente na sociedade. Contudo, o incremento da utilização de ferramentas digitais abre espaços a que outras formas de práticas íntimas abusivas surjam, nomeadamente a ciber violência nas relações de intimidade (C-VRI). Um dos fatores que contribui para a propagação destes tipos de violência são as atitudes sexistas. O presente estudo pretende analisar a relação entre a violência íntima, *online* e *offline* e as atitudes sexistas nas relações íntimas em jovens universitários. A amostra foi constituída por 302 participantes que frequentam o ensino universitário, entre os 18 e os 25 anos (M = 20.66, DP = 1.87), na sua maioria mulheres (76.5%) e que admitiram estar ou terem estado numa relação amorosa. Os resultados revelaram uma correlação positiva e significativa entre as formas de vitimização e perpetração de VRI nas tipologias violência física, violência psicológica e controlo, todas as tipologias de C-VRI (agressão direta, controlo e ciúme) e a vitimização de VRI na tipologia violência sexual. Este estudo enfatiza a importância na atuação de profissionais competentes no combate e prevenção destes tipos de violência, principalmente pela relevante prevalência numa faixa etária tão jovem.

Palavras-chave: atitudes sexistas; ciber violência nas relações de intimidade; perpetração; violência nas relações de intimidade; vitimização

Cyber violence and sexist atitudes in intimate relationships among young university students

Abstract

Violence in intimate relationships (VRI) is an ongoing problem in society. However, the increase in the use of digital tools opens up spaces for other forms of abusive intimate practices to emerge, namely cyber-violence in intimate relationships (C-VRI). One of the factors contributing to the spread of this types of violence is sexist attitudes. This study aims to analyze the relationship between online and offline intimate violence and sexist attitudes in intimate relationships among young university students. The sample consisted of 302 university students aged between 18 and 25 (M = 20.66, SD = 1.87), most of whom were women (76.5%) and who admitted to being or having been in a romantic relationship. The results revealed a positive and significant correlation between the forms of victimization and perpetration of VIR in the physical violence, psychological violence and control typologies, all the C-VIR typologies (direct aggression, control and jealousy) and the victimization of VIR in the sexual violence typology. This study highlights the importance of competent professionals working to combat and prevent these types of violence, especially given their high prevalence in such a young age group.

Keywords: cyber violence in intimate relationships; perpetration; sexist attitudes; violence in intimate relationships; victimization

Índice

Enquadramento Teórico 9
Violência nas relações de intimidade 9
Ciber violência nas relações de intimidade 10
Atitudes sexistas e violência nas relações de intimidade 12
Objetivos do estudo 14
Metodologia 14
Instrumentos 16
Procedimento 18
Análise de dados 18
Resultados 19
Prevalência da vitimização e perpetração da VRI e da C-VRI 19
Correlações entre a VRI, a C-VRI e as atitudes sexistas 20
Diferenças de género na vitimização e perpetração da VRI e C-VRI de acordo com as atitudes sexistas 20
Discussão 24
Conclusão 28
Referências 29

Índice de tabelas

Tabela 1 Caraterização sociodemográfica da amostra (N = 302) 16
Tabela 2 Prevalência da vitimização e perpetração da VRI e C-VRI 19
Tabela 5 Diferença entre médias de VRI na tipologia psicológica em função da perpetração no género feminino (teste U de Mann-Whitney) 22
Tabela 6 Diferença entre médias de VRI da tipologia controlo em função da perpetração no género feminino (teste U de Mann-Whitney) 22
Tabela 7 Diferença entre médias de C-VRI da tipologia ciúme em função da perpetração no género masculino e feminino (teste U de Mann-Whitney) 23
Tabela 8 Diferença entre médias de C-VRI na tipologia agressão direta em função da vitimização no género feminino (teste U de Mann-Whitney) 24

Tabela 9 Diferença entre médias de C-VRI da tipologia de agressão direta em função da perpetração no género feminino (teste U de Mann-Whitney) 24

Lista de Abreviaturas

ASI - Inventário de Sexismo Ambivalente

CibAN - Questionário sobre Ciberabuso no Namoro

C-VRI - Ciber violência nas relações de intimidade

QVAA - Questionário sobre Vivências Amorosas Abusivas

TIC - Tecnologias de informação e comunicação

VRI - Violência nas relações de intimidade

Enquadramento Teórico

Violência nas relações de intimidade

As relações de intimidade, principalmente na fase da adolescência e início da idade adulta, são extremamente importantes para aprimorar determinadas competências fundamentais no desenvolvimento de um indivíduo que não são possíveis de desenvolver noutros tipos de relacionamentos, como os familiares ou de amizade (Gómez-López et al., 2019).

Num primeiro momento, inicia-se o desenvolvimento de competências básicas associadas a este tipo de relacionamento como a demonstração de afeto e o princípio de envolvimento sexual até que se requere algo mais profundo e de partilha como a companhia, a segurança emocional, intimidade e o sentimento de amor (Gómez-López et al., 2019). No entanto, também podem ser adquiridas várias experiências negativas que tornam este momento menos prazeroso como o envolvimento em episódios de diferentes tipos de violência, sintomatologia depressiva ou ansiosa ou pior funcionamento psicológico (Gómez-López et al., 2019).

Neste sentido, tem havido considerável investimento por parte da comunidade científica na temática da violência nas relações de intimidade (VRI) dado a sua elevada gravidade e ocorrência. De acordo com a World Health Organization (WHO, 2021), este fenómeno é caraterizado por um comportamento adotado por um parceiro ou ex-parceiro envolvendo violência física, sexual ou psicológica como a agressão física, coerção sexual, abuso psicológico e comportamentos de controlo.

Somente em Portugal, de acordo com os dados do Relatório Anual de Segurança Interna relativos ao ano de 2022, foram reportados 17 867 casos de vítimas de violência doméstica por parte do cônjuge/companheiro/a ou ex-cônjuge/ex-companheiro/a, correspondendo a 50.6% da totalidade de casos de VRI (Sistema de Segurança Interna, 2022).

Segundo a perspetiva feminista, a violência nas relações de intimidade surge devido à estrutura patriarcal assente na sociedade, i.e., a normalização da supremacia e autoridade implementadas pelo homem, bem como as desigualdades de género (Matos, 2006). Desta forma, esta permitiu que se começasse a debruçar o investimento científico sobre a violência familiar e, mais especificamente, para a violência exercida contra a mulher nas relações de intimidade (Matos, 2006). Por conseguinte, os primeiros estudos focalizaram-se nos relacionamentos matrimoniais e/ou uniões de facto, descuidando outro tipo de relações de intimidade como as de namoro (Caridade & Machado, 2006; Matos, 2006).

Neste seguimento, é também de maior importância o estudo da violência em relações que não sejam matrimoniais, geralmente em populações mais novas, uma vez que, de acordo com a Comissão para a Igualdade de Género, 67% dos jovens com idades entre os 11 e os 21 anos legitima a violência no namoro em Portugal (Magalhães et al., 2020).

Deste modo, a Polícia de Segurança Pública divulgou recentemente os dados relativos às queixas apresentadas no âmbito da violência no namoro. Concluíram que, em cinco anos, receberam um total de 10480 queixas deste fenómeno, correspondendo a um aumento de 10% neste espaço temporal de 2018 a 2022 sendo que, só em 2022, foram reportados 2109 casos (Monteiro, 2023).

Neste sentido, um estudo elaborado pela União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR), com um dos objetivos principais focados na análise da vitimização e perpetração da violência em relações amorosas em estudantes universitários, revelou que 53.7% dos participantes, durante relações amorosas passadas, já sofreram algum tipo de violência e 34% já exerceram violência sobre o parceiro (Neves et al., 2023). Entre as quais, em ambas as formas, destaca-se a violência psicológica (51.8%), seguida da violência social (29.5%) e a violência sexual e física equiparadas (13.8%) (Neves et al., 2023). Desta forma, é possível perceber a urgência na perceção da VRI também em jovens universitários uma vez que, através dos dados apresentados, se perceciona uma elevada prevalência em quase todas as práticas violentas avaliadas.

Ciber violência nas relações de intimidade

Particularmente aliada a esta população, encontra-se, de forma cada vez mais emergente, um outro tipo de violência caraterístico - C-VRI - praticada através das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). Estas exemplificam-se através de diversas formas, inserindo-se, aqui, uma das mais preponderantes atualmente, as redes sociais (ex.: Facebook, Instagram, Tumblr, Twitter ou Snapchat) bem como mensagens de texto, *e-mails* e *webcams*, através de ferramentas distintas como os telemóveis, computadores, *tablets*, entre outros (Burke et al., 2011; Stephenson et al., 2018).

Devido à evolução dos tempos e atualizações frequentes a que estas novas tecnologias estão sujeitas, estas são utilizadas em faixas etárias progressivamente mais novas, quer por entretenimento e distração, quer para poderem contactar mais facilmente e de forma mais frequente com os seus pares e, por isso, contribuindo, também, de forma positiva para os jovens (Ballarotto et al., 2018; Caridade et al., 2019).

Por outro lado, a utilização destas tecnologias acarreta também certos riscos, principalmente se, numa idade mais jovem, não forem controlados por adultos responsáveis e se não lhes forem explicados os perigos recorrentes do mundo virtual. Entre eles encontram-se o risco de os jovens adultos terem maior propensão para serem vítimas de crimes como o *cyber stalking*, *cyber bullying*, *sexting* e, precisamente, a C-VRI (Caridade et al., 2020).

A C-VRI é caraterizada pelo assédio, controlo, abuso ou *sexting* praticado pelo parceiro romântico através das tecnologias, muitas vezes baseada em determinadas crenças ou atitudes como o ciúme (Zweig et al., 2013). Para além disso, segundo os mesmos autores, é uma forma particularmente grave de violência psicológica, uma vez que os perpetradores têm a possibilidade de controlar toda a atividade rotineira da vítima, mesmo não estando fisicamente ao lado dela, bem como ter a capacidade de a envergonhar e humilhar com uma rápida e acessível partilha de informação privada da mesma (Zweig et al., 2013).

Um estudo realizado por Caridade e colaboradores (2020) demonstra esta urgência de atuação na C-VRI, em Portugal, visto que reportaram que 40.2% dos adolescentes e jovens adultos já teriam experienciado algum tipo de violência e 42.2% já a teriam perpetrado, sendo que a maior percentagem situava-se na tipologia de controlo (66% e 75%, respetivamente).

A relação entre a VRI e a C-VRI tem sido gradualmente alvo de mais estudo (Caridade et al., 2020; Cava et al., 2020a; Marganski & Melander, 2015; Melander & Marganski, 2020; Rodríguez-deArriba et al., 2024) devido, precisamente, à elevada evolução e prevalência dos casos. Um estudo português desenvolvido por Caridade e colegas (2020) retrata esta relação, onde verificaram que todas as formas de VRI e C-VRI estavam correlacionadas entre elas, tanto a nível da perpetração como a nível da vitimização.

Cava e colaboradores (2020b) tinham também o objetivo de analisar a relação entre a vitimização de VRI e C-VRI bem como com as crenças em mitos românticos em adolescentes de escolas de Valencia onde, tal como no estudo descrito anteriormente, se encontraram correlações positivas entre todas as formas de C-VRI (ciber controlo e ciber agressividade) e VRI (relacional, verbal-emocional e física) analisadas, quer em rapazes como em raparigas (Cava et al., 2020b).

Um outro estudo (Watkins et al., 2016) realizado com sujeitos a partir dos 18 anos nos Estados Unidos da América revelou que as três formas de C-VRI analisadas (psicológica, sexual e perseguição) estavam relacionadas positivamente com a VRI, quer na perpetração como na vitimização. Destacam

também que, por exemplo, a perpetração e vitimização da perseguição avaliada na C-VRI encontrava-se também correlacionada com a perpetração e vitimização da VRI psicológica (Watkins et al., 2016).

Atitudes sexistas e violência nas relações de intimidade

Quando se aborda a temática da VRI é também fundamental discutir as crenças e atitudes que permanecem e perpetuam a violência nas relações amorosas. De uma forma mais abrangente, a violência intergeracional, assente em pressupostos da Teoria da Aprendizagem Social, auxilia na compreensão também de vários tipos de violência, como a violência física e sexual (Widom, 1989; Fischer, 1992).

Como a própria designação indicia, esta perspetiva assenta nos propostos de que existe uma maior probabilidade de propagação do padrão relacional violento no futuro ou idade adulta por parte de indivíduos que observaram ou foram vítimas de algum tipo de violência na família durante a infância, quer sobre a forma de vitimização ou de perpetração (Gomes et al., 2007; Widom, 1989). De uma forma simplificada, como Garcia-Moreno em 2001 já referia, "violência gera violência" e, embora infira que é possível o jovem optar por um caminho sem comportamentos violentos, o caminho oposto é o mais frequente, uma vez que é a única forma que eles conhecem de resolver problemas e adversidades.

Uma das atitudes referidas pela literatura que perpetua a violência é o sexismo que, segundo Expósito e colegas (1998), é teoricamente caraterizado por uma visão mais negativa ou positiva em relação a um género, categorizando-o de acordo com as suas caraterísticas do sexo biológico (masculino ou feminino) e a manifestação destas na forma cognitiva, afetiva e comportamental.

No entanto, embora o sexismo seja uma visão baseada em rótulos positivos ou negativos, usualmente tem-se o sexismo como uma classificação mais negativa e tipicamente dirigida a mulheres (Expósito et al., 1998). Contudo, Glick e Fiske (1996) defendem existir uma espécie de paradoxo em relação a este tema uma vez que, aliada a esta concetualização, existe também uma visão mais positiva em relação às mulheres, mesmo que sendo ainda estereotipada, argumentando, portanto, a multidimensionalidade do termo.

Desta forma, dividem as atitudes sexistas em dois polos antagónicos que formam a teoria do sexismo ambivalente: o sexismo hostil e o benevolente. De acordo com Glick e Fiske (1996), o sexismo hostil define-se como o habitualmente considerado, isto é, pela elevada hostilidade e aversão relativamente às mulheres. Por outro lado, o sexismo benevolente, embora pareça favorável e seja retratado para a recetora como benevolência, um elogio ou que transmita sentimentos positivos, continua

com uma tonalidade sexista e rotulada aos papéis de género comumente adquiridos (Glick & Fiske, 1996). Assim sendo, estes dois conceitos andam internamente ligadas, onde homens e mulheres se veem mutuamente de forma hostil e benevolente tornando-se, assim, ambivalentes (Glick & Fiske, 1996) e podendo, desta forma, perpetuar a violência praticada nas relações íntimas.

Alguns estudos começam a demonstrar a relação entre a VRI, a C-VRI e as atitudes sexistas (Ramírez-Carrasco et al., 2023; Linares et al., 2021; Cava et al., 2020a), evidenciando a existência efetiva de uma relação entre as variáveis e diferenciação de géneros (Boira et al., 2017; Borrajo et al., 2015; Cava et al., 2020a; Ibabe et al., 2016; Linares et al., 2021).

Recentemente, Ramírez-Carrasco e colaboradores (2023) testaram de que forma vários tipos de crenças e atitudes, i.e., atitudes sexistas, mitos de amor romântico e ciúme, teriam influência e impactavam a vitimização e perpetração de C-VRI. Inferiram que determinadas propriedades do ciúme analisadas se relacionavam com a vitimização e perseguição perpetrada na C-VRI e que as atitudes sexistas estavam relacionadas apenas com a perpetração da C-VRI e não com a vitimização da mesma, especialmente o sexismo hostil (Ramírez-Carrasco et al., 2023).

Em 2021, com um dos principais objetivos assentes na associação entre certos fatores de risco para a vitimização e perpetração da C-VRI (como as atitudes sexistas), um estudo realizado com jovens universitários em Espanha determinou que os participantes que pontuaram níveis mais altos de vitimização e perpetração da C-VRI, apresentavam também maiores crenças sexistas (Linares et al., 2021). Para além disso, também denotaram que aqueles que acreditavam nas atitudes sexistas como algo natural e difícil de pôr termo, ocorriam de maiores níveis de vitimização de controlo da C-VRI (Linares et al., 2021).

Relativamente a diferenças de género, a literatura tem-se mostrado pouco concordante e sem uma definição concreta onde, por exemplo, Linares e colegas (2021) verificaram no seu estudo que os homens se sentiam mais controlados no seu círculo social pelas parceiras, mas, por outro lado, Burke e colaboradores (2011) deduziram que as mulheres se sentiam mais controladas no formato *online*. No entanto, ainda são escassos os estudos que exploram o impacto das atitudes sexistas na vitimização da C-VRI e, portanto, o maior consenso existente decorre na sua perpetração onde, especialmente o sexismo hostil, parece sustentar a C-VRI perpetrada por rapazes e jovens contra o sexo oposto (Rodríguez-Domínguez et al., 2017).

Relativamente à VRI, Boira e colegas (2017) estudaram a relação entre as atitudes sexistas, a desejabilidade social e a VRI com estudantes universitários do Equador. Os resultados que encontraram indicavam que o sexismo hostil se encontrava relacionado com a VRI e o sexismo benevolente estava correlacionado nos dois sexos com a vitimização e perpetração da VRI na tipologia física e psicológica (Boira et al., 2017). Por outro lado, Ibabe e colaboradores (2016), numa amostra com jovens e adultos dos 17 aos 30 anos numa universidade espanhola, determinaram como objetivo a avaliação da prevalência e valor preditivo das atitudes sexistas na VRI. Reportaram, nos seus resultados, que todas as atitudes sexistas em análise no sexo masculino apresentavam uma correlação positiva com a vitimização e perpetração da VRI, particularmente o sexismo benevolente (Ibabe et al., 2016). Contrariamente, no sexo feminino, reportaram que apenas o sexismo hostil se encontrava positivamente correlacionado com a perpetração e vitimização da VRI (Ibabe et al., 2016).

Objetivos do estudo

A literatura tem vindo a documentar a existência de uma relação positiva entre a VRI, C-VRI e as atitudes sexistas. Apesar disso, são escassos os estudos que correlacionam estas três variáveis (Cava et al., 2020a; Ibabe et al., 2016; Rodríguez-Domínguez et al., 2017; Vargas et al., 2022) para além da exígua investigação do fenómeno em Portugal, pelo que torna relevante o seu estudo.

O principal objetivo deste estudo é analisar a relação entre a VRI, C-VRI e as atitudes sexistas nas relações íntimas em jovens universitários. De forma mais específica, pretende-se: i) caraterizar e analisar a prevalência, em termos de vitimização e perpetração, da VRI (i.e., física, psicológica, controlo e sexual) e C-VRI (i.e., agressão direta, controlo e ciúme) e; ii) analisar a correlação entre a VRI, C-VRI e as atitudes sexistas; iii) analisar eventuais diferenças de género da VRI e C-VRI de acordo com as atitudes sexistas.

Desta forma, através da literatura existente, formam-se as seguintes hipóteses: i) correlação entre todas as todas as tipologias de VRI, C-VRI e atitudes sexistas; ii) os homens que apresentarem maiores atitudes sexistas, especialmente hostis, terão maiores níveis de perpetração de VRI e C-VRI.

Metodologia

Este é um estudo transversal exploratório, de caráter quantitativo e de amostra conveniente recolhida exclusivamente num momento.

Participantes

A amostra inicial deste estudo foi constituída por 768 participantes, de onde foram excluídos 466 indivíduos devido aos critérios de inclusão, nomeadamente terem entre 18 e 25 anos de idade, serem estudantes do ensino universitário e terem experiência de envolvimento numa relação amorosa (presente ou passada).

Desta forma, a amostra final foi constituída por 302 participantes (231 do género feminino, 68 do género masculino e 3 não binários), com idades compreendidas entre os 18 e 25 anos (*M* = 20.66, *DP* = 1.87). No que diz respeito à orientação sexual, 80.5% dos participantes identificou-se como heterossexual, 2.3% como homossexual, 15.2% como bissexual e 2% identificou-se com outra orientação. Relativamente à nacionalidade, a maior parte dos participantes tinha nacionalidade portuguesa (94.7%), e os restantes tinham dupla nacionalidade (1.7%) ou outra (3.6%). No que concerne ao nível de escolaridade, 52.6% concluiu o ensino secundário, 38.7% possuía uma licenciatura, 8.3% um mestrado e 0.3% o doutoramento. Quanto ao estado civil e situação profissional, apenas 2 participantes encontravam-se casados ou em união de facto e os demais 300 encontravam-se solteiros, sendo que a maioria era exclusivamente estudante (87.1%) e os restantes 12.9% eram estudantes-trabalhadores. Relativamente à experiência em relações amorosas, aquando do preenchimento do questionário, 64.6% dos participantes encontrava-se numa relação amorosa e 35.4% não se encontrava à data do preenchimento, porém já esteve numa relação amorosa no passado. No que se refere à duração do relacionamento amoroso, a média obtida da amostra foi de 29.19 meses (*DP* = 22.47), sendo que 22.1% dos participantes relataram estar num relacionamento há menos de 1 ano, 49.2% relatou estar numa relação com duração entre 1 e 3 anos e 23.1% relatou estar numa relação com duração superior a 3 anos. Os restantes 5.7% omitiram a duração do relacionamento ou não especificaram a duração temporal (cf. Tabela 1).

Tabela 1

Caraterização sociodemográfica da amostra (N = 302)

Variáveis sociodemográficas		**n (%)**
Género	Feminino	231 (76.5)
	Masculino	68 (22.5)
	Não binário	3 (1.0)
Orientação Sexual	Heterossexual	243 (80.5)
	Homossexual	7 (2.3)
	Bissexual	46 (15.2)
	Outra	6 (2.0)
Estado Civil	Solteiro/a	300 (99.3)
	Casado/a ou em união de facto	2 (0.7)
Situação Profissional	Estudante	263 (87.1)
	Estudante-trabalhador	39 (12.9)
Nacionalidade	Portuguesa	286 (94.7)
	Dupla nacionalidade	5 (1.7)
	Outra	11 (3.6)
Habilitações Literárias	Ensino secundário	159 (52.6)
	Licenciatura	117 (38.7)
	Mestrado	25 (8.3)
	Doutoramento	1 (0.3)
Situação relacional	Sim, encontro-me numa relação atualmente	195 (64.6)
	Não me encontro numa relação atual, mas já tive no passado	107 (35.4)
Duração da relação amorosa	Menos de 1 ano	43 (22.1)
	Entre 1 e 3 anos	96 (49.2)
	Mais de 3 anos	45 (23.1)

Instrumentos

A recolha de dados foi efetuada através de um protocolo *online*, com os seguintes instrumentos:

Questionário sociodemográfico que reuniu várias informações relevantes para caraterizar a amostra do estudo através de questões abertas como a idade e questões fechadas como o género,

orientação sexual, estado civil, nacionalidade, situação profissional, habilitações literárias e se experienciou o envolvimento numa relação amorosa bem como a duração da mesma.

Questionário sobre Vivências Amorosas Abusivas – QVAA (dos Santos & Caridade, 2017) é um instrumento que, para efeito deste estudo, foi adaptado e utilizada apenas a secção que carateriza as vivências amorosas. Constituído por 18 itens, este questionário avalia quatro formas distintas de VRI - física, psicológica, controlo e sexual -, onde os participantes respondem se alguma vez perpetraram ou sofreram algum dos tipos de violência referidos, através de uma escala com 3 níveis: "Nunca aconteceu", "1 vez" e "Mais do que uma vez". Neste estudo, relativamente à dimensão da vitimização, o alfa de *Cronbach* da tipologia física, psicológica, controlo e sexual foi de 0.87, 0.83, 0.86 e 0.81, respetivamente. No que concerne à dimensão da perpetração, o alfa de *Cronbach* da tipologia física, psicológica, controlo e sexual foi de 0.76, 0.79, 0.76 e 0.71, respetivamente.

Questionário Ciberdating Q_A (Sánchez-Jímenez et al., 2015), em validação por Costa e Caridade para a população portuguesa (no prelo), é um questionário que pretende caracterizar o uso das tecnologias na perpetração de C-VRI. O instrumento é constituído por 28 itens distribuídos por 6 categorias, avaliados por uma escala de *Likert* de 5 pontos, onde o 0 corresponde a "Nunca", 1 a "Raramente", 2 a "Às vezes", 3 a "Muitas vezes" e 4 a "Sempre". No entanto, devido às caraterísticas deste estudo, apenas uma delas será utilizada, o ciúme *online*, que engloba 4 itens e apresenta um alfa de *Cronbach* na versão original de 0.79 e, portanto, uma consistência interna adequada. No presente estudo, o alfa de *Cronbach* nesta categoria foi de 0.74.

Questionário sobre Ciberabuso no Namoro – CibAN (Borrajo et al., 2015), adaptado para a população portuguesa por Caridade e Braga (2019), é um instrumento que pretende avaliar a vitimização e perpetração da C-VRI. Apresenta na sua composição 40 itens, sendo que 20 são direcionados para a vitimização e os restantes 20 para a perpetração. O questionário é pontuado através de uma escala de *Likert* de 6 pontos: 1 "Nunca", 2 "Não, no último ano", 3 "Raramente", 4 "Às vezes", 5 "Frequentemente" e 6 "Muitas vezes". Integra 2 fatores repartidos pelos 20 itens – agressão direta e controlo – com um alfa de *Cronbach* de 0.92 e 0.88 para a vitimização e perpetração da agressão direta, respetivamente, e 0.94 e 0.87 para a vitimização e perpetração do controlo, respetivamente, apresentando, portanto, uma consistência interna adequada. Neste estudo, para o fator de agressão direta, o alfa de *Cronbach* para a vitimização e perpetração foi de 0.88 e 0.81, respetivamente e, para o fator de controlo, o alfa de *Cronbach* para a vitimização e perpetração foi de 0.90 e 0.90, respetivamente.

Inventário de Sexismo Ambivalente – ASI (Gonçalves et al., 2015), uma adaptação da *Ambivalent Sexism Inventory* de Glick e Fiske (1996), é um instrumento formado por 22 itens, repartidos por dois

fatores – sexismo hostil e sexismo benevolente – com 11 itens cada. Os participantes cotaram cada item numa escala *Likert* de 1 a 6 pontos, em que 1 corresponde a "Discordo totalmente", 2 a "Discordo moderadamente", 3 a "Discordo ligeiramente", 4 a "Concordo ligeiramente", 5 a "Concordo moderadamente" e 6 a "Concordo totalmente". A globalidade desta escala apresenta um alfa de *Cronbach* de 0.86 tendo, assim, uma consistência interna adequada. No presente estudo, o alfa de *Cronbach* para totalidade da escala foi de 0.92 e, para os fatores de sexismo hostil e benevolente, foram de 0.93 e 0.82, respetivamente.

Procedimento

Inicialmente, procedeu-se à submissão do parecer da Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas da Universidade do Minho. Seguidamente, e após a obtenção das autorizações por parte dos/as autores/as dos instrumentos utilizados, o questionário foi disponibilizado através de um *link*, elaborado na plataforma *online Qualtrics*, e divulgado em redes sociais e email de uma instituição universitária.

No questionário, primeiramente, encontrava-se uma explicação do estudo, nomeadamente a descrição dos objetivos e os critérios de inclusão. Ademais, foi garantido o caráter voluntário do estudo e, portanto, a sua opção de desistência a qualquer momento ou não participação bem como a confidencialidade e o anonimato. Finalmente, antes de prosseguirem para o preenchimento dos instrumentos, tiveram de assinalar a sua concordância com o consentimento informado de forma a participarem no estudo. De seguida, os jovens que consentiram a sua participação responderam a um breve questionário sociodemográfico antes de prosseguirem para o preenchimento dos instrumentos.

O questionário teve uma duração de cerca de 15 minutos. No final, devido à natureza do estudo, foram disponibilizadas linhas de apoio psicológico aos participantes (e.g., SOS Voz Amiga, Conversa amiga e Telefone da amizade).

Análise de dados

Os dados recolhidos foram analisados com recurso ao programa *IBM SPSS Statistics 29*. Inicialmente, foram realizadas estatísticas descritivas para a caraterização da amostra e determinar a prevalência da perpetração e vitimização da VRI e da C-VRI (objetivo 1). Uma vez que não estavam cumpridos os pressupostos de uma distribuição normal, foram utilizados testes não paramétricos para analisar os objetivos 2 e 3, nomeadamente correlações de *Spearman* entre as variáveis e o teste de *Mann-Whitney* para determinar as diferenças entre géneros em termos da vitimização e perpetração da VRI e da C-VRI de acordo com as atitudes sexistas, respetivamente. Igualmente, foram calculados os

tamanhos de efeito relativos às diferenças onde, de acordo com Cohen (1988), valores de $r < 0.3$ são considerados tamanhos de efeito fracos e, consequentemente, a magnitude das diferenças é fraca e valores entre 0.3 e 0.5 são considerados tamanhos de efeito médio, pelo que a magnitude é moderada.

Resultados

Prevalência da vitimização e perpetração da VRI e da C-VRI

Os resultados apresentados na tabela 2 indicam a prevalência da vitimização e perpetração da VRI e da C-VRI. Globalmente, 40.7% e 40.4% dos participantes relataram terem sido vítimas, pelo menos uma vez, de algum tipo de VRI e C-VRI, respetivamente, e 32.8% e 77.2% admitiram terem perpetrado, pelo menos uma vez, algum tipo de VRI e C-VRI, respetivamente. Detalhando cada tipologia, foram encontrados indicadores de prevalência nos participantes que relataram terem sofrido VRI, nomeadamente 28.1% foram vítimas pelo menos uma vez de violência psicológica, 20.2% de controlo, 15.2% de violência sexual e 7% de violência física. Relativamente à perpetração de VRI, a tipologia com maior prevalência nos participantes foi, igualmente, a violência psicológica (20.5%), seguida do controlo (16.2%), violência física (7.3%) e violência sexual (4%). Tendo em consideração a vitimização de C-VRI, 38.1% dos participantes relataram ter sofrido pelo menos uma vez de controlo nas suas relações e 19.9% de agressão direta. Já na perpetração de C-VRI, a tipologia com maior prevalência foi o ciúme (69.9%), seguido do controlo (36.1%) e da agressão direta (9.3%).

Tabela 2

Prevalência da vitimização e perpetração da VRI e C-VRI

	Tipologia	**Vitimização**		**Perpetração**	
		Vítima	Não vítima	Perpetrador	Não perpetrador
		n (%)	n (%)	n (%)	n (%)
VRI	Física	21 (7)	281 (93)	22 (7.3)	280 (92.7)
	Psicológica	85 (28.1)	217 (71.9)	62 (20.5)	240 (79.5)
	Controlo	61 (20.2)	241 (79.8)	49 (16.2)	253 (83.8)
	Sexual	48 (15.2)	256 (84.8)	12 (4.0)	290 (96.0)
	Total	123 (40.7)	179 (59.3)	99(32.8)	203 (67.2)
C-VRI	Agressão direta	60 (19.9)	242 (80.1)	28 (9.3)	274 (90.7)
	Controlo	115 (38.1)	187 (61.9)	109 (36.1)	193 (63.9)
	Ciúme	-	-	211 (69.9)	91 (30.1)
	Total	122 (40.4)	180 (59.6)	233 (77.2)	69 (22.8)

Correlações entre a VRI, a C-VRI e as atitudes sexistas

Na tabela 3 encontram-se os resultados relativos à correlação entre as variáveis em estudo, nomeadamente a VRI (física, psicológica, controlo e sexual), a C-VRI (agressão direta, controlo e ciúme) e as atitudes sexistas (sexismo hostil e sexismo ambivalente). De forma mais concreta, foi encontrada uma correlação positiva significativa entre as variáveis de vitimização e perpetração de VRI nas tipologias de violência física, psicológica e controlo, vitimização de VRI na tipologia sexual e todas as tipologias de C-VRI (agressão direta, controlo e ciúme). Relativamente à perpetração de VRI na tipologia sexual, verificou-se uma correlação positiva significativa com a vitimização de VRI na tipologia psicológica e sexual e com a perpetração de VRI na tipologia controlo e de C-VRI na tipologia agressão direta. No que diz respeito às atitudes sexistas, os resultados exibiram correlações significativamente positivas entre a perpetração do ciúme *online* e ambas as atitudes sexistas. Para além disso, também se encontraram positivamente correlacionadas entre si.

Diferenças de género na vitimização e perpetração da VRI e C-VRI de acordo com as atitudes sexistas

Na tabela 4 é possível verificar que as vítimas de VRI da tipologia controlo do género masculino relataram atitudes sexistas hostis e benevolentes significativamente superiores às não-vítimas, verificando-se a existência de diferenças significativas entre vitimização e não vitimização ($U = 138.5$, $p < 0.001$, $r = 0.39$; $U = 212.5$, $p < 0.05$, $r = 0.24$, respetivamente) contudo, de magnitude moderada e fraca, respetivamente.

Tabela 4

Diferença entre médias de VRI na tipologia controlo em função da vitimização no género masculino (teste U de Mann-Whitney)

	VRI (V) – Controlo		*Mann-Whitney*		
	Não Vítima (N = 56)	Vítima (N = 12)			
	M	*M*	*U*	*p*	*d*
Sexismo hostil	30.97	50.96	138.50	< 0.001	0.39
Sexismo benevolente	32.29	44.79	212.50	< 0.05	0.24

Nota. V: Vitimização; *M*: Média; *U*: Estatística de teste U de Mann-Whitney.

Tabela 3

Correlações entre a VRI, a C-VRI e as atitudes sexistas

	Variável	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
VRI (V)	1. Física														
	2. Psicológica	0.46**													
	3. Controlo	0.32**	0.49**												
	4. Sexual	0.32**	0.37**	0.34**											
VRI (P)	5. Física	0.50**	0.42**	0.27**	0.19**										
	6. Psicológica	0.31**	0.56**	0.33**	0.18**	0.48**									
	7. Controlo	0.26**	0.35**	0.35**	0.20**	0.26**	0.27**								
	8. Sexual	0.08	0.14*	0.05	0.29**	0.08	0.03	0.15**							
C-VRI (V)	9. Agressão direta	0.38**	0.45**	0.39**	0.40**	0.26**	0.27**	0.18**	0.07						
	10. Controlo	0.31**	0.48**	0.56**	0.34**	0.27**	0.29**	0.29**	0.08	0.59**					
C-VRI (P)	11. Agressão direta	0.25**	0.35**	0.13*	0.17**	0.31**	0.27**	0.18**	0.12*	0.45**	0.33**				
	12. Controlo	0.22**	0.34**	0.32**	0.20**	0.22**	0.29**	0.52**	0.08	0.25**	0.51**	0.25**			
	13. Ciúme	0.16**	0.34**	0.28**	0.21**	0.18**	0.22**	0.30**	0.07	0.32**	0.33**	0.16**	0.27**		
Atitudes sexistas	14. Sexismo hostil	-0.01	0.03	0.11	-0.06	-0.06	-0.02	0.07	0.06	0.08	0.09	0.04	0.01	0.20**	
	15. Sexismo ambivalente	0.02	0.07	0.09	0.01	0.04	0.08	0.01	0.07	0.09	0.04	0.08	-0.04	0.20**	0.62**

Nota. V: Vitimização; P: Perpetração

*$p < 0.05$; ** $p < 0.001$

Os resultados exibidos na tabela 5 demonstram diferenças significativas, porém de magnitude fraca, entre perpetração e não perpetração na atitude sexista benevolente dado que as perpetradoras de VRI da tipologia psicológica do género feminino relataram esta atitude como significativamente superior às não-perpetradoras ($U = 3811.50$, $p < 0.05$, $r = 0.16$).

Tabela 5

Diferença entre médias de VRI na tipologia psicológica em função da perpetração no género feminino (teste U de Mann-Whitney)

	VRI (P) - Psicológica		*Mann-Whitney*		
	Não Perpetrador (N = 176)	Perpetrador (N = 55)			
	M	*M*	*U*	*p*	*d*
Sexismo hostil	113.74	123.25	4441.50	0.35	0.06
Sexismo benevolente	110.16	134.70	3811.50	< 0.05	0.16

Nota. P: Perpetração; *M*: Média; *U*: Estatística de teste U de Mann-Whitney

A tabela 6 indica que as perpetradoras de VRI da tipologia controlo do género feminino relataram atitudes sexistas hostis significativamente superiores às não-perpetradoras, verificando-se a existência de diferenças significativas entre perpetração e não perpetração ($U = 3174.50$, $p < 0.05$, $r = 0.16$). Apesar disso, a magnitude da diferença é fraca.

Tabela 6

Diferença entre médias de VRI da tipologia controlo em função da perpetração no género feminino (teste U de Mann-Whitney)

	VRI (P) - Controlo		*Mann-Whitney*		
	Não Perpetrador (N = 187)	Perpetrador (N = 44)			
	M	*M*	*U*	*p*	*d*
Sexismo hostil	110.98	137.35	3174.50	< 0.05	0.16
Sexismo benevolente	114.07	124.20	3753	0.37	0.06

Nota. P: Perpetração; *M*: Média; *U*: Estatística de teste U de Mann-Whitney

Os resultados na tabela 7 revelam diferenças significativas entre a perpetração e não perpetração na atitude sexista hostil no género masculino uma vez que os perpetradores de C-VRI da tipologia ciúme relataram esta atitude como significativamente superior aos não-perpetradores ($U = 316.50$, $p < 0.05$, $r = 0.27$). Para além disso, indica também diferenças significativas entre perpetração e não perpetração no género feminino, nomeadamente as perpetradoras de C-VRI da tipologia ciúme relataram atitudes sexistas hostis e benevolentes significativamente superiores às não-perpetradoras ($U = 4652.50$, $p < 0.05$, $r = 0.15$; $U = 4455$, $p < 0.05$, $r = 0.17$). Não obstante, a magnitude das diferenças em ambos os géneros é fraca.

Tabela 7

Diferença entre médias de C-VRI da tipologia ciúme em função da perpetração no género masculino e feminino (teste U de Mann-Whitney)

		C-VRI (P) - Ciúme				
		Não Perpetrador ($N^a = 20$; $N^b = 71$)	Perpetrador ($N^a = 48$; $N^b = 160$)	*Mann-Whitney*		
		M	*M*	*U*	*p*	*d*
Masculino[a]	Sexismo hostil	26.33	37.91	316.50	< 0.05	0.27
	Sexismo benevolente	33.38	34.97	457.50	> 0.05	0.04
Feminino[b]	Sexismo hostil	101.53	122.42	4652.50	< 0.05	0.15
	Sexismo benevolente	98.75	123.66	4455	< 0.05	0.17

Nota. P: Perpetração; *M*: Média; *U*: Estatística de teste U de Mann-Whitney

Na tabela 8 verifica-se que as vítimas de C-VRI da tipologia agressão direta do género feminino relataram atitudes sexistas benevolentes significativamente superiores às não-vítimas, verificando-se a existência de diferenças significativas entre vitimização e não vitimização ($U = 3066$, $p < 0.05$, $r = 0.17$) porém, a magnitude da diferença é fraca.

Tabela 8

Diferença entre médias de C-VRI na tipologia agressão direta em função da vitimização no género feminino (teste U de Mann-Whitney)

	C-VRI (V) – Agressão direta		*Mann-Whitney*		
	Não Vítima (N = 187)	Vítima (N = 44)			
	M	*M*	*U*	*p*	*d*
Sexismo hostil	112.35	131.51	3431.50	0.09	0.11
Sexismo benevolente	110.40	139.82	3066	< 0.05	0.17

Nota. V: Vitimização; *M*: Média; *U*: Estatística de teste U de Mann-Whitney.

Os resultados na tabela 9 indicam que as perpetradoras de C-VRI da tipologia agressão direta do género feminino relataram atitudes sexistas benevolentes significativamente superiores às não-perpetradoras, verificando-se a existência de diferenças significativas entre perpetração e não perpetração ($U = 1539.50$, $p < 0.05$, $r = 0.17$). Não obstante, a magnitude das diferenças é fraca.

Tabela 9

Diferença entre médias de C-VRI da tipologia de agressão direta em função da perpetração no género feminino (teste U de Mann-Whitney)

	C-VRI (P) – Agressão direta		*Mann-Whitney*		
	Não Perpetrador (N = 209)	Perpetrador (N = 22)			
	M	*M*	*U*	*p*	*d*
Sexismo hostil	113.81	136.77	1842	0.12	0.10
Sexismo benevolente	112.37	150.52	1539.50	< 0.05	0.17

Nota. P: Perpetração; *M*: Média; *U*: Estatística de teste U de Mann-Whitney

Discussão

Este estudo tinha como principal objetivo a análise das relações entre a vitimização e perpetração de VRI, C-VRI e as atitudes sexistas em jovens universitários. Desta forma, tornou-se imperativo a análise da prevalência destes tipos de violência para melhor compreender o fenómeno nesta população em Portugal.

No primeiro objetivo deste estudo, tal como noutros trabalhos (Caridade et al., 2020; Cava et al., 2020a; Cava et al., 2020b; Marganski & Melander, 2015; Melander & Marganski, 2020), verificaram-se consideráveis prevalências de violência nas relações presentes ou passadas dos jovens, quer a nível de vitimização (VRI – 40.7%; C-VRI – 32.8%) e perpetração (VRI – 40.4%; C-VRI – 77.2%). Estes resultados estão em concordância com o estudo de Caridade e colegas (2020), que analisaram estes fenómenos em adolescentes e jovens adultos portugueses e encontraram indicadores prevalentes de vitimização e perpetração de VRI (39.9% e 30.1%, respetivamente) e C-VRI (40.2% e 42.2%, respetivamente). Apesar disso, o presente estudo apresentou uma prevalência de perpetração de C-VRI significativamente superior, o que pode ser explicado por diferenças amostrais e pela inclusão da tipologia ciúme de C-VRI no cálculo, uma vez que esta apresentou uma elevada taxa de ocorrência. Relativamente a estudos internacionais, Caridade e colaboradores (2019) e, mais recentemente, Martínez-Soto e Ibabe (2024) realizaram revisões sistemáticas sobre a C-VRI. Ambos verificaram uma vasta amplitude de resultados encontrados no que diz respeito a este tipo de violência bem como às tipologias em si inseridas. Nomeadamente, Martínez-Soto e Ibabe (2024), que analisaram prevalências de vitimização, comprovaram que a prevalência poderia oscilar entre os 7% aos 74%. Por sua vez, na revisão sistemática desenvolvida por Caridade e colegas (2019), a percentagem da perpetração deste tipo de violência variava dos 8.1% a 93.7%. Embora estas revisões sistemáticas revelem grandes amplitudes, os resultados do presente estudo estão em concordância e inserem-se nos encontrados em estudos internacionais.

No que concerne às tipologias dos tipos de violências retratados neste estudo, foram apurados indicadores de prevalência igualmente relevantes quer na VRI ou na C-VRI. A mais prevalente de VRI, a nível da vitimização, foi a violência psicológica (28.1%), seguida do controlo (20.2%), violência sexual (15.2%) e violência física (7%) e, a nível da perpetração, foi revelada uma cadência semelhante, alternando a ordem da violência física e sexual (20.5%, 16.2%, 7.3% e 4%, respetivamente). Já a C-VRI revelou que a maior prevalência na vitimização ocorre, por ordem de decrescente, no controlo (38.1%) e agressão direta (19.9%) e, na perpetração, no ciúme (69.9%), controlo (36.1%) e agressão direta (9.3%). O presente estudo obteve resultados bastante aproximados aos de Caridade e colaboradores (2020), que retrataram igualmente cada tipologia inserida nos tipos de violência. Especificamente, ao nível das tipologias de VRI avaliadas, obtiveram 31.8% de controlo, 27.7% de violência verbal-emocional/psicológica e 15.6% de violência física - vitimização - e 20.8% de controlo, 20.2% de violência verbal-emocional/psicológica e 10.4% de violência física - perpetração. No que se refere à C-VRI, Caridade e colegas (2020) encontraram na vitimização 38.2% de controlo e 8.1% de agressão direta e, a nível da perpetração, 43.4% de controlo e 15.6% de agressão direta. Contudo, verificaram-se algumas diferenças

no presente estudo, na medida em que a prevalência da vitimização de VRI na tipologia controlo e violência física revelou resultados mais baixos e a C-VRI na tipologia agressão direta revelou resultados mais altos, o que se pode dever a caraterísticas da amostra, nomeadamente as diferentes faixas etárias dos estudos, e desejabilidade social. Apesar disso, em termos internacionais, estes resultados estão inseridos na variabilidade encontrada nas mais recentes revisões sistemáticas da C-VRI, nomeadamente na vitimização – 16 a 82% de controlo e 1 a 43% de agressão direta (Martínez-Soto & Ibabe, 2024) – e perpetração – 49.6 a 88.4% de controlo e 10.6% a 14.7% de agressão direta (Caridade et al., 2020).

No que diz respeito ao objetivo 2, os resultados revelaram uma correlação positiva entre as formas de vitimização e perpetração de VRI nas tipologias violência física, violência psicológica e controlo, todas as tipologias de C-VRI (agressão direta, controlo e ciúme) e a vitimização de VRI na tipologia violência sexual. Estes resultados estão em concordância com a literatura (Caridade et al., 2020; Cava et al., 2020a; Cava et al., 2020b; Marganski & Melander, 2015; Melander & Marganski, 2020; Rodríguez-deArriba et al., 2024), o que confirma uma relação entre todas estas formas de violência e reforça os resultados verificados em estudos nacionais e internacionais.

Relativamente à perpetração de VRI na tipologia de violência sexual, encontrou-se uma correlação positiva com a VRI no nível da vitimização na tipologia violência psicológica e violência sexual, com a perpetração na tipologia controlo e com a perpetração de C-VRI na tipologia agressão direta. Estes resultados relevam uma das conclusões da revisão sistemática de Rodríguez-deArriba e colaboradores (2024), uma vez que a generalidade dos resultados dos estudos que analisaram apontam a correlações de tipologias de VRI e C-VRI não sexuais. Ademais, e além da importância de melhor explorar a violência sexual, seria relevante que estudos futuros validassem instrumentos que avaliam a C-VRI na tipologia de violência sexual no contexto português, de forma a melhor explorar a prevalência e relevância deste fenómeno em Portugal.

No que concerne às atitudes sexistas, apenas se obtiveram correlações positivas entre si e com a perpetração do ciúme *online*. Embora a literatura seja escassa no que toca à correlação das três variáveis em análise em simultâneo – VRI, C-VRI e atitudes sexistas - estes resultados não corroboram o apurado noutros estudos (Cava et al., 2020a; Ramírez-Carrasco et al., 2023), onde relataram correlações entre as atitudes sexistas e a perpetração da C-VRI. Nesta tipologia, outros trabalhos (Ramírez-Carrasco et al., 2023; Turriate-Chávez & Miñan-Olivos, 2023) reportaram um efeito médio entre o ciúme cognitivo e o sexismo hostil e uma correlação baixa entre os fatores de ciúme analisados e o sexismo hostil, respetivamente. Uma das principais razões para os resultados do presente estudo poderá ser a desejabilidade social que, no caso de um instrumento com afirmações desta temática, faz com que os

participantes possam não responder honestamente a vários itens do questionário (ex., "Assim que uma mulher consegue que um homem se comprometa, geralmente procura pôr-lhe "rédea curta""; "Num desastre, devem socorrer-se as mulheres antes dos homens"). Além disso, a terminologia utilizada, nomeadamente no item "As feministas fazem exigências pouco razoáveis aos homens", pode ter confundido alguns participantes na resposta a dar, particularmente pelo aumento das ideologias dentro do movimento feminismo, uma vez que defendem um objetivo em comum – igualdade de género -, mas com visões distintas (Mohajan, 2022). Por último, o instrumento ASI foi utilizado neste estudo tal como inicialmente Glick e Fiske (1996) o elaboraram, isto é, num modelo repartido em 2 fatores que avaliam o sexismo ambivalente: sexismo hostil e benevolente. Contudo, na versão portuguesa (Gonçalves et al., 2015), dada a sugestão de Glick e Fiske (1996) que outras caraterísticas integravam o sexismo hostil e benevolente, analisaram o instrumento também como um modelo repartido em 4 fatores: sexismo hostil, paternalismo benevolente, intimidade heterossexual e diferenciação complementar de género, no qual encontraram um melhor ajustamento do instrumento. Desta forma, apesar dos estudos que analisaram as atitudes sexistas (Ramírez-Carrasco et al., 2023; Linares et al., 2021; Cava et al., 2020), em estudos futuros seria relevante utilizar o modelo de 4 fatores de forma a perceber se os resultados demonstravam maiores correlações entre os fenómenos.

Ademais, este estudo pretendia analisar as diferenças entre os géneros na vitimização e perpetração da VRI e C-VRI de acordo com as atitudes sexistas. A literatura reporta diversos resultados, sendo pouco unânime nas suas conclusões (Boira et al., 2017; Borrajo et al., 2015; Cava et al., 2020a; Ibabe et al., 2016; Linares et al., 2021). Os resultados encontrados indicaram que, relativamente ao género masculino, as vítimas de VRI da tipologia controlo relataram atitudes sexistas hostis e benevolentes significativamente superiores às não-vítimas e que os perpetradores de C-VRI da tipologia ciúme relataram atitudes sexistas hostis significativamente superiores aos não-perpetradores. A hipótese inicialmente formada não se efetivou totalmente uma vez que apenas na perpetração da tipologia ciúme de C-VRI se encontrou relacionado com o sexismo hostil, não encontrando diferenças significativas para a agressão direta ou o controlo (Borrajo et al., 2015; Cava et al., 2020a). No entanto, relativamente à VRI, alguns estudos (Boira et al., 2017; Ibabe et al., 2016) apontam para o facto do sexismo hostil e benevolente estar relacionado com a vitimização de VRI, tal como foi descoberto no presente estudo. Os resultados relativos ao sexismo benevolente podem ser explicados pela conceção dos papéis da mulher enquanto membro dos quadros tradicionais da sociedade, pela qual o homem sente a responsabilidade e dependência de ser o provedor e suporte da família, justificando as atitudes violentas (Boira et al., 2017; Hammond & Overall, 2017). Por outro lado, o sexismo hostil está usualmente relacionado ao

medo dos homens desta dependência e, portanto, à prática de atitudes violentas (Hammond & Overall, 2017), o que não coaduna com os resultados encontrados no presente estudo, pelo que melhor exploração desta relação impera em estudos futuros.

No que diz respeito ao género feminino, os resultados obtidos revelaram que as vítimas femininas de C-VRI da tipologia agressão direta relataram atitudes sexistas benevolentes significativamente superiores às não-vítimas. Ademais, as perpetradoras de VRI da tipologia psicológica e de C-VRI da tipologia agressão direta relataram atitudes sexistas benevolentes como significativamente superior às não-perpetradoras. Para além disso, indicam que as perpetradoras de C-VRI da tipologia ciúme relataram atitudes sexistas hostis e benevolentes significativamente superiores às não-perpetradoras bem como as perpetradoras de VRI da tipologia controlo relataram atitudes sexistas hostis significativamente superiores às não-perpetradoras. Considerando a VRI, estes resultados são convergentes com os encontrados noutros trabalhos (Boira et al., 2017; Ibabe et al., 2016), nomeadamente o facto do sexismo benevolente se encontrar relacionado com a perpetração da violência psicológica (Boira et al., 2017). Linares e colegas (2021) reportaram que os participantes que apresentaram mais atitudes sexistas, revelavam também maiores níveis de vitimização e perpetração de C-VRI da tipologia de controlo e agressão direta, tal como se obteve neste estudo. Esta aparente relação entre o sexismo benevolente e o sexo feminino demonstra-se importante uma vez que este reitera e assenta no pressuposto de proteção e cuidado da parte do homem para com a mulher bem como a manutenção dos papéis tradicionais (Cava et al., 2020a).

Apesar destas descobertas, recomenda-se que em estudos futuros haja uma melhor exploração do impacto das atitudes sexistas na vitimização ou perpetração de VRI ou C-VRI de acordo com o género uma vez que todas as diferenças estatisticamente significativas verificaram uma magnitude fraca exceto uma, que obteve um tamanho de feito médio e consequente magnitude moderada (Cohen, 1988). Para além disso, considera-se importante uma maior exploração da tipologia ciúme *online* uma vez que este estudo evidenciou a sua elevada prevalência bem como a correlação com as restantes variáveis e a sua diferenciação de acordo com o género e, assim, aparenta ter bastante impacto e relevância no estudo do fenómeno.

Conclusão

O presente estudo apurou consideráveis taxas de prevalência de VRI e C-VRI numa amostra de jovens universitários e identificou correlações positivas na generalidade dos resultados. Desta forma, este estudo contribuiu para um melhor e mais aprofundado conhecimento destes fenómenos e das relações

entre si em Portugal, revelando indicadores prevalentes destes tipos de violência, pelo que emerge a urgência na atuação preventiva em faixas etárias mais jovens.

Contudo, torna-se importante relevar algumas limitações deste estudo que podem condicionar as conclusões retiradas bem como as suas implicações. Primeiramente, destaca-se o desequilíbrio amostral, nomeadamente o género dos participantes, onde a predominância esteve no género feminino (76.5%), demonstrando a necessidade de estudos futuros obterem uma amostra mais homogénea neste parâmetro. Em segundo lugar, e embora com um número reduzido de participantes neste indicador, a amostra não abrangia apenas participantes com nacionalidade portuguesa, o que pode ter causado resultados diferentes dos que se obteriam, nomeadamente devido a questões culturais. Outro aspeto a considerar é o facto de ter sido uma amostra de conveniência e, assim sendo, torna inalcançável a capacidade de generalizar os resultados. Outra limitação incide sobre os instrumentos deste estudo serem de autorrelato que, embora sejam amplamente utilizados na comunidade científica, são mais facilmente sujeitos à desejabilidade social. Por último, no objetivo 3, apesar de se terem obtidas diferenças significativas, o tamanho de efeito e consequente magnitude das diferenças foi maioritariamente fraco, o que na prática pode não ser substancial. Assim sendo, recomendamos para estudos futuros o aumento do tamanho amostral, permitindo uma real compreensão do fenómeno.

Desta forma, torna-se crucial o desenvolvimento e, sobretudo, a aplicação de programas de prevenção e sensibilização e de campanhas para combater a VRI e a C-VRI baseadas em conhecimento empírico e adaptadas à crescente diversificação cultural. Estes programas devem incidir sobre a generalidade da população, particularmente desde uma idade precoce, uma vez que a literatura sugere que a violência nos relacionamentos amorosos pode iniciar desde cedo na vida de um indivíduo. Para além disso, para que produzam resultados efetivos, o envolvimento das pessoas que fazem parte das várias vertentes da sua vida, nomeadamente pais, professores e, sobretudo, os pares, demonstra-se crucial para o sucesso. A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) tem vindo a desempenhar um papel bastante ativo no que diz respeito à atuação nestes campos de fenómeno, em Portugal, particularmente em campanhas de sensibilização e prevenção, o que constitui um enorme progresso e combate às formas de violência em relacionamentos amorosos.

Referências

Ballarotto, G., Volpi, B., Marzilli, E., & Tambelli, R. (2018). Adolescent internet abuse: A study on the role of attachment to parents and peers in a large community sample. *BioMed Research International*, *2018*. https://doi.org/10.1155/2018/5769250

Boira, S., Chilet-Rosell, E., Jaramillo-Quiroz, S., & Reinoso, J. (2017). Sexismo, pensamientos distorsionados y violencia en las relaciones de pareja en estudiantes universitarios de Ecuador de áreas relacionadas con el bienestar y la salud. *Universitas Psychologica*, *16*(4), 30-41. https://doi.org/10.11144/javeriana.upsy16-4.spdv

Borrajo, E., Gámez-Guadix, M., Pereda, N., & Calvete, E. (2015). The development and validation of the cyber dating abuse questionnaire among young couples. *Computers in Human Behavior*, *48*, 358–365. https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.01.063

Burke, S. C., Wallen, M., Vail-Smith, K., & Knox, D. (2011). Using technology to control intimate partners: An exploratory study of college undergraduates. *Computers in Human Behavior*, *27*(3), 1162–1167. https://doi.org/10.1016/j.chb.2010.12.010

Caridade, S. M., & Braga, T. (2019). Versão portuguesa do Cyber Dating Abuse Questionaire (CDAQ) – Questionário sobre Ciberabuso no Namoro (CibAN): Adaptação e propriedades psicométricas. *Analise Psicologica*, *37*(1), 93–105. https://bdigital.ufp.pt/handle/10284/7847

Caridade, S., Braga, T., & Borrajo, E. (2019). Cyber dating abuse (CDA): Evidence from a systematic review. *Aggression and Violent Behavior*, *48*(May), 152–168. https://doi.org/10.1016/j.avb.2019.08.018

Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, *24*(4), 485–493. https://bdigital.ufp.pt/handle/10284/8027

Caridade, S., Pedrosa e Sousa, H. F., & Dinis, M. A. P. (2020). Cyber and offline dating abuse in a portuguese sample: Prevalence and context of abuse. *Behavioral Sciences*, *10*(10). https://doi.org/10.3390/BS10100152

Cava, M. J., Buelga, S., Carrascosa, L., & Ortega-Barón, J. (2020a). Relations among romantic myths, offline dating violence victimization and cyber dating violence victimization in adolescents. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, *17*(5). https://doi.org/10.3390/ijerph17051551

Cava, M. J., Martínez-Ferrer, B., Buelga, S., & Carrascosa, L. (2020b). Sexist attitudes, romantic myths, and offline dating violence as predictors of cyber dating violence perpetration in adolescents. *Computers in Human Behavior*, *111*. https://doi.org/10.1016/j.chb.2020.106449

Cohen, J. (1988). *Statistical Power Analysis for the Behavioral Sciences*. https://doi.org/10.4324/9780203771587

dos Santos, M. R. da R. P., & Caridade, S. M. M. (2017). Vivências amorosas em adolescentes: das dinâmicas abusivas ao (des)ajustamento psicossocial. *Psique, Journal of Research Centre for*

Psychology of the Universidade Autonoma de Lisboa, *12*, 18–39. https://bdigital.ufp.pt/handle/10284/4929

Expósito, F., Moya, M. C., Glick, P. (1998). Sexismo ambivalente: Medición y correlatos. *Revista de Psicología social*, *13*(2), 159-169. https://doi.org/10.1174/021347498760350641

Fischer, G. (1992). A Dinâmica Social. Lisboa: Planeta Editora/ISPA

García-Moreno, C. (2001). Violencia contra la mujer: Género y equidad en la salud, *OPS*. https://iris.paho.org/handle/10665.2/811

Glick, P., & Fiske, S. T. (1996). The ambivalent sexism inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, *70*(3), 491-512. https://doi.org/10.1037/0022-3514.70.3.491

Gomes, N. P., Diniz, N. M. F., Araújo, A. J. D. S., & Coelho, T. M. D. F. (2007). Compreendendo a violência doméstica a partir das categorias gênero e geração. *Acta paulista de enfermagem*, *20*, 504-508. https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000400020

Gómez-López, M., Viejo, C., Ortega-Ruiz, R. (2019). Well-being and romantic relationships: A systematic review in adolescence and emerging adulthood. *International Journal of Environment Research and Public Health*, *16*(13). https://doi.org/10.3390/IJERPH16132415

Gonçalves, G., Orgambídez-Ramos, A., Giger, J. C., Santos, J., & Gomes, A. (2015). Validity evidence of the portuguese adaptation of the ambivalent sexism inventory / Evidencias de validez de la adaptación portuguesa de la escala de sexismo ambivalente. *Revista de Psicologia Social*, *30*(1), 152-181. https://doi.org/10.1080/02134748.2014.991518

Hammond, M. D., & Overall, N. C. (2017). Dynamics within intimate relationships and the causes, consequences, and functions of sexist attitudes. *Current Directions in Psychological Science*, *26*(2), 120-125. https://doi.org/10.1177/0963721416686213

Ibabe, I., Arnoso, A., & Elgorriaga, E. (2016). Ambivalent sexism inventory: Adaptation to basque population and sexism as a risk factor of dating violence. *The Spanish Journal of Psychology*, *19*. https://doi.org/10.1017/sjp.2016.80

Linares, R., Aranda, M., García-Domingo, M., Amezcua, T., Fuentes, V., & Moreno-Padilla, M. (2021). Cyber-dating abuse in young adult couples: Relations with sexist attitudes and violence justification, smartphone usage and impulsivity. *PLoS one*, *16*(6). https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0253180

Magalhães, M. J., Rodrigues, A., Beires, A., Maia, A. M., Teixeira, A. M., Dias, A. T., Iglésias, C., Gouveia, C., Pontedeira, C., Jasmins, C., Martins, J., Ribeiro, P., Mendes, T., Ferreira, V., Wiedemann, A.,

Nunes, A., Guerreiro, A., Mendes, L., Silva, M., ... Diniz, J. (2020). Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro 2020. *Art'Themis+*. http://www.umarfeminismos.org/images/stories/noticias/VN_2020_NACIONAL.pdf

Marganski, A., & Melander, L. (2015). Intimate partner violence victimization in the cyber and real world: Examining the extent of cyber aggression experiences and its association with in-person dating violence. *Journal of Interpersonal Violence*, *33*(7), 1071–1095. https://doi.org/10.1177/0886260515614283

Martínez-Soto, A., & Ibabe, I. (2024). Cyber dating abuse: Conceptualization and meta-analysis of prevalence rates. *Anuario de Psicología Jurídica 2024*, *34*(1). 133-144. http://hdl.handle.net/10810/67667

Matos, M. (2006). *Violência nas relações de intimidade: estudo sobre a mudança psicoterapêutica na mulher*. https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/5735

Melander, L. A., & Marganski, A. J. (2020). Cyber and in-person intimate partner violence victimization: Examining maladaptive psychosocial and behavioral correlates. *Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace*, *14*(1). https://cyberpsychology.eu/article/view/13119

Mohajan, Haradhan (2022): An overview on the feminism and its categories. *Research and Advances in Education*, *1*(3). 11-26. https://mpra.ub.uni-muenchen.de/114625/

Monteiro, R. (2023, 14 de fevereiro). *Violência no namoro: metade dos jovens acha que é legítimo controlar os parceiros*. Público. https://www.publico.pt/2023/02/14/p3/noticia/metade-jovens-acha-legitimo-controlar-namorado-2038825

Neves, S., Correia A. P., Rocha, H., Costa, S., Borges, J., & Nicolau (2023). Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro no Ensino Superior: Crenças e Práticas – 2017/2022. *Associação Plano I*. https://www.associacaoplanoi.org/estudo-nacional-violencia-no-namoro/

Ramírez-Carrasco, D., Urbina-Ferrer, R., & Ponce-Correa, F. (2023). Jealousy, sexism, and romantic love myths: the role of beliefs in online dating violence. *Frontiers in psychology*, *14*. https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2023.1212737/full

Rodríguez-deArriba, M. L., Santos, C., Cunha, O., Sánchez-Jiménez, V., & Caridade, S. (2024). Relationship between cyber and in-person dating abuse: A systematic review. *Aggression and Violent Behavior*, *77*. https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1359178924000338

Rodríguez-Domínguez, C., Segura, M. D., & Martínez-Pecino, R. (2017). Ciberagresores en el noviazgo adolescente y su relación com la violencia psicológica, el sexismo y los celos. *Health and Addictions, 18*(1), 17-27. https://ojs.haaj.org/?journal=haaj&page=article&op=view&path%5B%5D=329

Sánchez-Jiménez, V., Muñoz-Fernández, N., & Ortega-Ruíz, R. (2015). "Cyberdating Q-A": An instrument to assess the quality of adolescent dating relationships in social networks. *Computers in Human Behavior*, *48*, 78–86. https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.01.006

Sistema de Segurança Interna. (2022). *Relatório Anual de Segurança Interna*. 1–164. https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=%3D%3DBQAAAB%2BLCAAAAAAABAAzNDazMAQAhxRa3gUAAAA%3D

Stephenson, V. L., Wickham, B. M., & Capezza, N. M. (2018). Psychological abuse in the context of social media. *Violence and Gender*, *5*(3), 129–134. https://doi.org/10.1089/vio.2017.0061

Turriate-Chávez, J., & Miñán-Olivos, G. (2023). Relationship between sexist ambivalence and jealousy in university students' relationships. *International Journal of Advanced and Applied Sciences*, *10*(12), 50-55. https://www.researchgate.net/publication/377481052_Relationship_between_sexist_ambivalence_and_jealousy_in_university_students'_relationships

Vargas, A. E. O., Muñoz, A. V., Reyes, U. A., & López, G. I. G. (2022). Análisis de trayectoria de las creencias patriarcales y sexistas, actitudes favorables a la violencia y violencia en el noviazgo. *Behavioral Psychology/Psicologia Conductual*, *30*(1). 309-331. https://www.behavioralpsycho.com/product/path-analysis-of-patriarchal-and-sexist-beliefs-attitudes-toward-violence-and-dating-violence/?lang=en

Watkins, L. E., Maldonado, R. C., & DiLillo, D. (2016). The cyber aggression in relationships scale: A new multidimensional measure of technology-based intimate partner aggression. *Assessment*, *25*(5), 608-626. https://doi.org/10.1177/1073191116665696

Widom, C. S. (1989). Child abuse, neglect, and adult behavior: Research design and findings on criminality, violence, and child abuse. *American journal of Orthopsychiatry*, *59*(3), 355-367. https://doi.org/10.1111/j.1939-0025.1989.tb01671.x

World Health Organization (2021, 9 de março). *Violence against women*. WHO. https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/violence-against-women

Zweig, J. M., Lachman, P., Yahner, J., & Dank, M. (2013). Correlates of cyber dating abuse among teens. *Journal of Youth and Adolescence*, *43*(8), 1306–1321. https://doi.org/10.1007/s10964-013-0047-x

Universidade do Minho

Conselho de Ética

Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas (CEICSH)

Identificação do documento: CEICSH 154/2023

Título do projeto: *Ciber violência e atitudes sexistas nas relações íntimas em jovens universitários*

Equipa de Investigação: Marília Inês Lopes Martins (IR), Mestrado em Psicologia da Justiça, Escola de Psicologia, Universidade do Minho; Sónia Caridade (Orientadora), Escola de Psicologia, Universidade do Minho

PARECER

A Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas (CEICSH) analisou o processo relativo ao projeto de investigação acima identificado, intitulado *Ciber violência e atitudes sexistas nas relações íntimas em jovens universitários.*

Os documentos apresentados revelam que o projeto obedece aos requisitos exigidos para as boas práticas na investigação com humanos, em conformidade com as normas nacionais e internacionais que regulam a investigação em Ciências Sociais e Humanas.

Face ao exposto, a Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas (CEICSH) nada tem a opor à realização do projeto nos termos apresentados no Formulário de Identificação e Caracterização do Projeto, que se anexa, emitindo o seu parecer favorável, que foi aprovado por unanimidade pelos seus membros.

O Presidente da CEICSH

Assinado por: **EMANUEL PEDRO VIANA BARBAS DE ALBUQUERQUE**
Num. de Identificação: 07089799
Data: 2023.12.04 10:21:16 +0000

(Emanuel Pedro Viana Barbas Albuquerque)

Anexo: Formulário de identificação e caracterização do projeto